

″Corações Valentes: A Odisseia dos Irmãos Mágicos″

Sumário

Sumário

Capítulo 1: O Começo da Aventura

Capítulo 2: O Labirinto da Magia

Capítulo 3: A Criatura das Sombras

Capítulo 4: A Amizade de um Dragão

Capítulo 5: O Desafio do Guardião

Capítulo 6: A Jornada pelo Tempo

Capítulo 7: O Festival das Luzes

Capítulo 8: O Portal do Destino

Capítulo 9: O Retorno à Realidade

Capítulo 10: A Força da Imaginação

Capítulo 1: O Mundo de Guto

O mundo de Guto era diferente. Não porque ele queria, mas porque sua mente parecia funcionar de um jeito único, como uma máquina de sonhos que nunca parava de rodar. Enquanto as outras crianças se contentavam em brincar de bola ou desenhar figuras simples, Guto vivia em universos criados por sua própria imaginação. Na escola, os professores o viam como distraído, mas Lena sabia que o irmão mais velho estava muito longe dali, perdido em suas aventuras.

Guto tinha 10 anos e era autista. Para ele, o mundo real era muitas vezes barulhento e confuso, mas em sua mente, tudo fazia sentido. Ele podia fechar os olhos e, num instante, estar voando por desertos vermelhos, navegando mares cheios de monstros gigantes ou explorando cidades feitas de cristal. Quando algo no mundo real se tornava desconfortável — como o som alto de um carro passando ou o toque de um tecido que ele não gostava —, ele simplesmente se desligava e se retirava para seus próprios reinos, onde tinha total controle.

Lena, sua irmã de 8 anos, sempre admirava as criações de Guto. Ela era quem o entendia melhor, como se houvesse um vínculo invisível entre eles que ia além das palavras. Lena sabia quando Guto estava prestes a viajar para seus mundos e, muitas vezes, conseguia acompanhá-lo em silêncio, mesmo que apenas como uma espectadora. Mas isso estava prestes a mudar.

Foi em um desses momentos que tudo começou. Era uma tarde de verão, o sol atravessava as frestas das cortinas da casa simples onde moravam, projetando manchas douradas no chão de madeira. Guto estava sentado no chão da sala, quieto, com os olhos fixos em algo distante. Lena o observava de perto, segurando um caderno, tentando desenhar o que imaginava que o irmão via. Ela já estava acostumada com esses momentos de imersão, e sempre tentava se aproximar, querendo compartilhar daquelas visões maravilhosas que ele descrevia mais tarde.

Mas naquela tarde, algo diferente aconteceu. De repente, Guto se levantou. Seus olhos, que antes estavam distantes, agora brilhavam com uma intensidade incomum. Ele começou a sussurrar algo, palavras que Lena não conseguia entender completamente, mas que pareciam formar uma história. “O dragão… ele está chegando”, murmurou Guto.

Lena riu, pensando que era mais uma das criações de seu irmão. Mas, no fundo, sentiu um calafrio. Algo naquela tarde estava diferente. Foi então que ela percebeu: na janela, uma sombra. Era grande, muito maior que qualquer sombra que ela já tinha visto. E o mais estranho era que parecia se mover de acordo com as palavras de Guto.

"Lena... ele está aqui", disse Guto, seus olhos fixos na janela. Ele não estava com medo, mas Lena sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Ela olhou para fora, esperando ver algum animal ou algo que explicasse aquela sombra, mas não havia nada ali.

De repente, a sombra tomou forma. Era um dragão. Não um dragão pequeno ou cartunesco, mas uma criatura imensa, com escamas reluzentes, asas gigantescas e olhos que pareciam penetrar a alma. Lena engoliu em seco. Aquilo não era possível. Guto havia imaginado dragões muitas vezes, mas dessa vez... estava ali. Real. Vivo. E se movendo em direção a eles.

"Como...?", Lena mal conseguiu falar, olhando para o irmão. Guto, no entanto, estava tranquilo, como se aquilo fosse apenas mais uma das muitas aventuras que vivia em sua cabeça. "Você... você fez isso?", perguntou ela, sua voz quase falhando.

Guto não respondeu de imediato, mas Lena sabia a resposta. O que quer que estivesse acontecendo, tinha algo a ver com ele. E com ela. Lentamente, começou a entender: o que Guto imaginava, ela podia trazer para o mundo real. Era como se algo tivesse mudado dentro dela, algo que a conectava ainda mais ao irmão. A cada palavra que ele dizia, a cada pensamento que passava por sua mente, Lena podia sentir uma nova energia crescendo dentro de si, como se tivesse o poder de dar vida à imaginação de Guto.

O dragão se aproximava, e Lena, mesmo assustada, sabia que eles precisavam fazer algo. “Guto, você consegue imaginar ele desaparecendo?”, perguntou, a voz tremendo.

Guto olhou para o dragão por um momento, pensativo. “Ele não quer ir embora ainda”, disse calmamente.

Lena ficou perplexa. Como assim? O dragão estava ali, enorme e ameaçador, e Guto estava tratando aquilo como se fosse a coisa mais normal do mundo. Mas, de algum jeito, Lena sentia que tinha o poder de controlar aquilo. Ela fechou os olhos e tentou concentrar-se, como se pudesse desligar o que havia trazido à vida. "Desapareça", ela sussurrou para si mesma.

E então, de forma tão repentina quanto apareceu, o dragão começou a se dissolver no ar, como uma névoa dissipando-se ao vento. Lena abriu os olhos e viu a sombra sumir lentamente. O que restava era o silêncio, um silêncio profundo que encheu a sala.

Guto se sentou novamente no chão, como se nada tivesse acontecido, voltando ao seu mundo. Lena, por outro lado, estava ofegante. O que acabara de acontecer? Como isso era possível? Ela olhou para o irmão com uma mistura de admiração e medo. Algo havia mudado. E, a partir daquele momento, sabia que a vida deles nunca mais seria a mesma.

Ela olhou para o pequeno Buduco, que ainda brincava com seus blocos no canto da sala, completamente alheio ao que acabara de acontecer. Buduco era o mais novo, com apenas 3 anos, e era uma fonte constante de alegria e caos. Ele tinha uma força que surpreendia a todos, mas, por enquanto, essa força parecia ser a menor de suas preocupações. Lena sabia que precisariam de todas as suas habilidades, e até mesmo da força de Buduco, para enfrentar o que estava por vir.

Mas, acima de tudo, sabia que eles, como irmãos, tinham algo especial. E que o mundo de Guto estava apenas começando a se misturar com o deles.

Capítulo 2: O Dom de Lena

Naquela manhã, Lena acordou sentindo que o mundo estava diferente. Não era só a sensação de frescor no ar ou o som suave do vento batendo nas árvores do quintal. Era algo dentro dela. Desde o incidente com o dragão imaginado por Guto, Lena sentia um estranho formigamento nas pontas dos dedos, como se algo estivesse borbulhando por dentro, esperando para se libertar. E ela sabia exatamente o que era.

Sentada na cama, Lena observou o quarto. Tudo parecia normal: os brinquedos de Buduco jogados pelo chão, a pilha de roupas no canto esperando para ser dobrada, e o livro aberto ao lado de Guto, que estava novamente imerso em suas próprias criações. Mas Lena agora tinha consciência de que, em qualquer momento, aquele ambiente pacífico poderia se transformar em algo completamente diferente, dependendo do que Guto imaginasse e de como ela reagisse.

Ela respirou fundo e olhou para suas mãos. Elas pareciam as mesmas, pequenas e delicadas, mas agora carregavam uma responsabilidade que ela não havia pedido. Trazer à realidade as fantasias de Guto não era algo que ela jamais sonhou em fazer, e, ainda assim, parecia que aquele dom estava adormecido dentro dela, só esperando o momento certo para despertar.

Ela desceu as escadas com cuidado, seus pés descalços mal fazendo barulho no assoalho de madeira. O sol matinal iluminava a cozinha, e ela encontrou sua mãe fazendo café enquanto Buduco brincava com sua habitual energia. Ele empilhava cadeiras, um jogo simples para uma criança comum, mas com a superforça de Buduco, até isso podia se tornar algo grandioso. A mãe de Lena sempre ria, dizendo que ele seria um grande atleta, mas Lena sabia que havia algo muito mais extraordinário em Buduco do que apenas força.

Ainda assim, a mente de Lena estava em outro lugar. Desde a aparição do dragão, algo nela havia mudado. Ela ainda podia sentir o peso daquela criatura gigante nas sombras da sua memória, e o poder que sentira ao fazer com que aquilo desaparecesse. Se ela realmente tinha essa habilidade, como poderia controlá-la? E o que aconteceria se não conseguisse?

— Mamãe — começou Lena, hesitante. — Você já teve um sonho que parecia real demais? Como se... você estivesse lá de verdade?

A mãe, distraída com a torrada que fazia, apenas sorriu.

— Ah, sim, querida. Sonhos podem parecer bem reais às vezes. Mas é só a nossa imaginação brincando com a gente. Como os mundos do seu irmão, não é? Ele sempre cria histórias incríveis.

Lena engoliu em seco. A mãe não fazia ideia do que acontecia quando Guto imaginava. Nem ela sabia completamente, mas a sensação era clara: aquilo não era apenas uma "brincadeira" de imaginação. Era muito maior. E Lena tinha medo do que poderia acontecer se não aprendesse a dominar seu dom.

Mais tarde, enquanto brincava no quintal com Buduco, Lena decidiu testar. "E se eu pudesse escolher algo pequeno?", pensou. Nada grandioso como um dragão, mas algo que ela pudesse controlar com facilidade. Ela olhou para o céu azul, com poucas nuvens, e pensou em uma borboleta. Guto adorava borboletas. Era algo simples, delicado, sem perigo. Ela fechou os olhos e se concentrou, visualizando a imagem da borboleta na mente de Guto, sentindo as batidas das asas leves e coloridas.

Quando abriu os olhos, lá estava ela. Voando suavemente ao redor de sua cabeça, com asas de um azul brilhante, a borboleta era exatamente como Guto teria imaginado, perfeita em todos os detalhes. Lena mal conseguia acreditar. Seu coração disparou de excitação, mas logo percebeu o perigo. O que mais poderia trazer à vida sem perceber?

Buduco, alheio a tudo, tentou pegar a borboleta, rindo enquanto a perseguia pelo jardim. Lena, ainda maravilhada e um pouco assustada, decidiu desfazer a criação. Fechou os olhos mais uma vez, pensando na borboleta desaparecendo, voltando ao mundo dos sonhos. Quando abriu os olhos, ela havia sumido, como se nunca tivesse existido.

Lena sentiu um misto de alívio e pavor. Agora tinha certeza de que podia controlar o que trazia à realidade. Mas também sabia que esse poder vinha com uma responsabilidade que ela não estava pronta para carregar sozinha.

Mais tarde naquele dia, Lena observava Guto brincar com seus blocos de construção. Ele parecia tão tranquilo, tão alheio à complexidade do mundo ao seu redor. Para ele, tudo era simples: ele imaginava, e o mundo ganhava cores e formas que só ele podia ver. Mas para Lena, o desafio era outro. Agora, ela tinha o poder de dar vida às criações do irmão. E sabia que isso podia ser perigoso, não só para eles, mas para todos ao seu redor.

Enquanto pensava, Guto ergueu os olhos para ela.

— Lena — disse ele, com aquela serenidade peculiar — você sabia que eu posso ver o que você faz?

Lena congelou. Como assim? Ele sabia?

— O quê? — perguntou ela, com o coração acelerado.

— Quando você faz as coisas aparecerem... eu sinto — respondeu Guto calmamente, como se estivesse falando de algo tão simples quanto o clima. — E eu sei quando você faz elas irem embora também.

Lena ficou sem palavras. A percepção de Guto era mais profunda do que ela imaginava. Ele sabia. Sempre soube. O vínculo entre eles era mais forte do que qualquer poder que possuíam, mais forte do que a própria imaginação. E, naquele momento, Lena percebeu que, mesmo que seu dom fosse poderoso, eles precisariam aprender a lidar com isso juntos.

E foi aí que Lena entendeu: ela não estava sozinha. Guto não apenas criava; ele sentia, ele compreendia. E, com isso, eles teriam que aprender a navegar por esse novo mundo — um mundo onde a imaginação se tornava real.

Capítulo 3: Buduco, o Pequeno Gigante

Buduco era um furacão em forma de menino. Com apenas 3 anos, ele já parecia mais forte do que qualquer criança da sua idade. Seus olhos brilhavam com curiosidade e uma alegria incontrolável, enquanto sua energia parecia infinita. Não havia objeto na casa que estivesse a salvo de sua força surpreendente. Quando ele segurava algo, era como se suas pequenas mãos tivessem a capacidade de quebrar até as coisas mais resistentes, sem que ele sequer percebesse.

Naquela manhã, enquanto Guto estava absorto em seus mundos imaginários e Lena ainda processava seu novo poder, Buduco estava fazendo o que fazia de melhor: explorando o mundo com toda a sua força. Ele decidiu empilhar as cadeiras da cozinha, um exercício aparentemente inocente, mas que, com sua super força, logo se transformou em algo mais arriscado.

— Buduco, cuidado! — Lena gritou quando viu o irmão pequeno levantando uma das cadeiras com facilidade. Ele riu, jogando a cabeça para trás, completamente alheio ao perigo.

Ela correu para pegar a cadeira antes que ele pudesse empilhar mais uma em sua torre improvisada, mas Buduco não parecia preocupado. Na verdade, ele parecia se divertir com o caos que criava. Para ele, as coisas eram simples: se algo era grande, ele podia levantar; se algo era pesado, ele podia carregar. O conceito de limite não existia em sua mente.

Lena suspirou, aliviada por evitar um desastre iminente, mas sabia que isso era apenas o começo do dia para Buduco.

— Buduco, você sabe que não pode empilhar as cadeiras assim, certo? — perguntou, tentando ser firme, mas sem deixar de sorrir. Ela adorava aquele garotinho, mesmo quando ele testava seus limites.

Buduco riu e, em vez de responder, correu para a sala, onde pegou uma almofada do sofá e começou a jogá-la de um lado para o outro, como se fosse uma bola de futebol.

Lena olhou para Guto, que estava sentado no canto da sala, desenhando algo em um caderno. Ele parecia calmo, mas Lena sabia que a mente do irmão estava a mil, navegando por algum cenário fantástico que ele havia criado. Mesmo assim, ele tinha uma consciência silenciosa de tudo ao seu redor, inclusive das travessuras de Buduco.

— Guto, você consegue imaginar o Buduco mais calmo? — perguntou Lena, meio brincando, meio séria.

Guto levantou os olhos do caderno, olhando para Buduco por um instante antes de dar um sorriso pequeno, mas enigmático. Ele não respondeu, mas Lena sabia que ele havia captado a mensagem. O que ele imaginasse poderia afetar o comportamento de Buduco, mas talvez não fosse justo interferir nos impulsos naturais do irmão mais novo. Afinal, Buduco era um furacão, sim, mas um furacão cheio de vida e energia, e Lena não queria mudar isso.

Enquanto ela refletia sobre isso, algo inesperado aconteceu.

— Olha, Lena! — Buduco gritou, com a voz alta e eufórica.

Lena olhou e seu coração quase parou. Buduco estava segurando o sofá. Não só uma almofada, mas o **sofá inteiro**. Com as mãos pequenas e fortes, ele o levantava do chão como se fosse um brinquedo qualquer.

— Buduco! — Lena correu até ele, seu coração batendo rápido. — Coloca isso no chão agora!

Ele olhou para ela, com o sorriso travesso de sempre, mas fez o que foi pedido, baixando o sofá com um movimento suave, como se fosse algo natural. Para Buduco, aquilo não era um grande feito. Ele já havia percebido que podia fazer coisas que outras crianças não faziam, mas, para ele, era apenas mais uma parte de ser Buduco. Para Lena, porém, aquilo era uma constante fonte de ansiedade.

Sentando-se no sofá, Lena puxou Buduco para perto e passou os braços ao redor dele. Ela sabia que precisava ter cuidado com o irmão mais novo, tanto quanto com Guto. Buduco tinha uma força descomunal, mas não entendia completamente os riscos que isso trazia.

— Você é muito forte, sabia? — disse Lena, olhando para ele com um sorriso afetuoso.

— Eu sou um super-herói! — Buduco exclamou, com seus olhos brilhando de empolgação.

— Sim, você é — Lena respondeu, rindo. — Mas até os super-heróis têm que tomar cuidado para não machucar ninguém, certo?

Buduco olhou para ela, pensativo por um breve momento, e então assentiu com a cabeça. — Tá bom, Lena. Eu vou tomar cuidado — prometeu ele, embora Lena soubesse que, para uma criança de 3 anos, isso era algo difícil de lembrar o tempo todo.

Enquanto os irmãos mais novos estavam ali, conversando, Guto, silencioso como sempre, continuava com seu caderno. Lena olhou para ele, tentando imaginar o que passava em sua mente naquele momento. Sabia que Guto entendia muito mais do que demonstrava, mesmo sobre Buduco e sua super força. E, talvez, de algum jeito, ele soubesse como ajudá-los a lidar com isso.

Mais tarde, quando o sol já estava se pondo, Lena observou Buduco brincando no quintal. Ele levantava pedras grandes, corria de um lado para o outro, e sua risada ecoava pelo jardim. Guto estava sentado na varanda, ainda com o caderno, desenhando algo que Lena não conseguia ver.

Ela se aproximou de Guto e, por cima de seu ombro, espiou o desenho. Ele estava desenhando Buduco, mas de um jeito diferente. Buduco estava no meio de uma cidade destruída, cercado por prédios derrubados e carros amassados. O contraste entre o poder de Buduco e o caos ao redor era evidente.

— Você acha que Buduco é perigoso? — perguntou Lena, com a voz baixa, quase como um sussurro.

Guto levantou os olhos para ela, ponderando a pergunta por um momento.

— Buduco é forte — respondeu ele, com a simplicidade de sempre. — Mas ele não machuca ninguém porque não quer. Só precisa aprender.

Lena suspirou. Guto sempre tinha uma maneira única de ver as coisas. Mesmo quando o mundo parecia caótico e fora de controle, ele enxergava ordem em meio ao caos.

— Você acha que ele vai aprender? — perguntou Lena, mais para si mesma do que para Guto.

— Vai — disse Guto, sem hesitar. — Porque nós vamos ensinar.

Lena sorriu. Era verdade. Eles eram uma equipe, mesmo que cada um tivesse seus próprios desafios. E com o tempo, Buduco aprenderia a controlar sua força, assim como ela estava aprendendo a lidar com seu poder de materializar as criações de Guto. Por mais difíceis que as coisas fossem às vezes, sabiam que sempre teriam uns aos outros.